

o filho do vento

Manoel Matias Medeiros de Araújo¹

O mar quebrava na encosta e os pescadores conduziam as jangadas para a água, arremessando tarrafas. Mas aquele dia não era normal. Havia uma presença estranha pelas ruas, uns homens engravatados, outros com roupas mais à vontade e capacetes de engenheiro, todos em caminhonetes tracionadas que arremessavam a areia da praia nos ares.

Qualquer acontecimento ínfimo se tornava notícia no povoado, e não poderia suceder de modo diferente com os visitantes. Enquanto os moradores tentavam descobrir de quem aquela gente se tratava, os homens demarcavam terrenos e fincavam no chão uns instrumentos parecidos com pequenos cataventos. Porém, tão rápido quanto chegaram, saíram. Não deu tempo descobrir seus nomes, com o que trabalhavam e muito menos o motivo de estarem ali, no lugar mais próximo ao fim do mundo, no extremo do continente.

Meses depois, acompanhada por dois carros batedores, a primeira carreta encostou no povoado, trazendo sobre si um gigantesco instrumento metálico, branco, em forma de cilindro. Ninguém saiu para pescar naquele dia – e não por causa da preguiça de uma manhã de segunda-feira, mas pela ansiedade, pela ânsia de saber o que acontecia.

— É um parque eólico – alguém disse. Não sabiam o que era isso.

Vieram as vans, os caminhões, as escavadeiras, as máquinas. E os homens. Muitos. Tantos homens que a única pensão do povoado não conseguiu suportá-los. Dormiam nos ônibus – ou, no caso dos mais abastados, hospedavam-se nas pousadas do Estado vizinho, a poucos quilômetros dali – até o alojamento ficar pronto numa agilidade incrível de uma semana.

E durante essa semana o povoado preparou-se para uma guinada.

Os comércios abasteceram-se de peixes, lagostins, frutas-pão, caju, castanhas, uma infinidade de cocos – verdes, velados, secos –, cachaças de engenhos célebres e engenhos duvidosos, cigarros contrabandeados e outras muambas que chegavam pela fronteira do Ceará. Inclusive, as proprietárias dos cabarés se prepararam para oferecer uma melhor recepção àqueles trabalhadores extenuados após o dia de serviço, os quais, ao cair do sol, desejavam apenas ouvir as ondas do mar e sentir no quadril o balanço de outras coisas além da água.

Rosa foi uma das moças enviadas às casas de recurso, como a população chamava esses recintos cujas luzes vermelhas e azuis davam a aparência de uma penumbra eterna. Era uma adolescente formosa e seus pais precisavam de dinheiro; velhos e enfermos, não conseguiam pescar, e há tempos esperavam que o INSS concedesse uma aposentadoria.

Por obrigação da patroa, Rosa cobria os poucos cravos e espinhas do rosto com bastante maquiagem – o que, na verdade, só multiplicava a acne naquela pele

¹ Bacharelado em Direito pela UFRN/CERES (2019-). Compositor, filiado à União Brasileira de Compositores (UBC). E-mail: mmatiasdireito@gmail.com.

suave – e depilava-se diariamente com um estojo ligeiramente cego, provocando alguns pelos encravados nas pernas e no púbis.

A menina reagia com indiferença em relação aos seus clientes. Nenhum lhe saltava aos olhos, sempre iguais, carentes, bêbados, tristes, sujos, fedorentos, pervertidos, impotentes, dentes podres, sobranceiras juntas, calvos. Mas houve o dia em que chegou o helicóptero.

O helicóptero azul sobrevoou o povoado. Ao pousar, desceu um loiro que possuía quase dois metros de altura.

— É um belga – alguém disse.

Desconheciam a identidade do belga pois ele não dirigia a palavra a ninguém. Sabia-se que era belga e só. Aliás, ali não se sabia o que era ser belga. Mas ele era.

Ao invés de partir quando resolveu as pendências da obra, o belga decidiu esperar pelo jantar. Como não havia no povoado um restaurante propriamente dito, acomodou-se num barraco que ficava à beira-mar e pediu camarões empanados. Rosa também estava lá, sozinha. Comemorava seu aniversário de quinze anos, comendo um espetinho de carne pela primeira vez.

A menina tomou de arrebate a atenção do belga. Ele pediu que o dono do bar enviasse uma Heineken à mesa de Rosa, num galanteio.

— Só tenho Brahma, meu primo.

O belga então pôs-se a esperar e, quando a moça se levantou, ele acompanhou seus passos. Seguiu-a até o cabaré, onde Rosa trancou-se num quarto sem cumprimentar ninguém.

Igual a uma criança curiosa, o belga bateu à porta com três toquinhos ligeiros e Rosa abriu. Ele jogou as suas roupas no chão, arremessou a moça na cama e saltou sobre o corpo miúdo da menina-mulher. Não trocaram uma única palavra enquanto fizeram o que havia de ser feito. No outro dia, o belga partiu.

As obras foram concluídas e o povoado enfrentou uma grande recessão. Diversos estabelecimentos – construídos unicamente em razão dos trabalhadores – vieram a falir. Rosa também perdeu o emprego, mas não porque o cabaré fechara. Acontece que a moça engravidou. Após dar à luz a Jesus, que mais parecia uma cópia do belga, tornou-se flácida, ultrapassada, desinteressante.

A família de Rosa, tal qual outras do povoado, passou a se alimentar de pássaros que eram encontrados mortos no meio da rua, nas dunas, na areia da praia. Forçadamente, precisaram se acostumar à monotonia e à miséria de outrora. A dor de quem sai da pobreza, experimenta pitadas de glória e retorna à fome é uma das maiores já catalogadas em maltratados corações humanos.

Pelo menos, a escola construída pelo Município com o dinheiro angariado naquele tempo áureo permaneceu funcionando. Jesus estudava de graça, livrando a mãe e os avós de novos gastos.

Numa sexta-feira, às vésperas do Dia dos Pais, a professora pediu aos alunos para que fizessem desenhos dos seus genitores. Os quadros seriam expostos num mural em frente à escola, durante um café da manhã. Ao receber a folhinha rabiscada das mãos de Jesus, a professora espantou-se com os traços, que formavam uma espécie de catavento, e perguntou ao menino onde estava o seu pai naquela paisagem. Jesus apontou ao parque eólico, através da janela da sala. Respondeu:

— Minha mãe me disse que eu sou filho do vento.